

ODEON: ETNOGRAFIA DE UM BAR

Cauê Machado
Juliana Brizola
Laura Rosa
Priscila Farfan Barroso
Cornelia Eckert, Viviane Vedana (Orientação)

Introdução

Nos altos da Avenida Borges de Medeiros, fervo do Bairro Centro em Porto Alegre, está o Odeon. Bar singular, mais precisamente localizado na rua de calçadas estreitas e fachadas antigas, Andrade Neves. A oportunidade de estudar esse local se deu através da disciplina de Antropologia Visual para os alunos de graduação em Ciências Sociais da UFRGS, com a coordenação da professora Cornelia Eckert e que contou ainda com a contribuição de pesquisadores associados ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) ambos vinculados ao PPGAS/UFRGS¹.

Esta disciplina é organizada de forma que os alunos possam realizar um exercício etnográfico audiovisual, procedendo ao trabalho de campo com registro fotográfico, videográfico, sonoro e textual. Para tanto, a turma foi dividida em grupos que escolhiam temas a partir dos quais investigar a vida urbana. O tema escolhido pelo grupo foi sociabilidade e boemia.

A proposta de investigar aspectos como a sociabilidade e a convivência a partir de um bar surgiram como forma de tornar o exercício de pesquisa bastante acessível aos integrantes do grupo. Seja pelo horário disponível para a realização das incursões de campo – quintas e sextas a partir das nove horas da noite –, seja pela relativa facilidade de acesso em termos de deslocamento e em termos de inserção, o universo de pesquisa pareceu interessante a todos os membros do grupo. É notável salientar que, embora os

¹ Dentre eles: Ana Luiza Carvalho da Rocha, Rafael Devos, Viviane Vedana, Anelise Gutterres, Thais Cunegatto, Luciana de Mello, Rafael Lopo, Henrique Dallago pesquisadores associados ao BIEV/PPGAS e Fabiela Bigossi, Liliane Guterres, Luciano von der Goltz Vianna, Gutcha Ramil Magalhães, Maria Cristina França, Liliane Guterres, Roberto Capiotti, João Quaresma, Renata Elisa Dornelles, Neiva Rosa Garcia do NAVISUAL/PPGAS ilustrando as aulas com suas experiências etnográficas a partir do uso de audiovisuais. Das autoras, Priscila Farfan tem bolsa da FAPERGS pelo projeto do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/ BIEV “Coleções Etnográficas e patrimônio em Porto Alegre” com orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

membros do grupo costumem freqüentar bares com certa constância, este ponto especificamente não fazia parte do itinerário “boêmio” da maioria dos universitários.

Três dos estudantes já se conheciam, e como o pai de uma delas é freqüentador assíduo do local propuseram este bar como universo de pesquisa, pois tinham interesse em desvendar um pouco mais sobre a boemia dos bares no Centro da cidade. A quarta integrante do grupo, que desenvolve experiência de pesquisa etnográfica no espaço público², optou por experimentar esta etnografia num local privado para aprender a técnica dentro desse outro campo de problemas.

No entanto a possibilidade de pesquisar o bar através dos recursos audiovisuais (foto, vídeo, captação de som e produção de texto) foi uma experiência nova para os alunos e gerou diferentes reflexões a respeito do estudo do homem. Desta maneira foi de comum acordo escrever um artigo para que possamos dividir com outros aprendizes o processo de quatro meses de investigação etnográfica durante o segundo semestre de 2007. Portanto nas linhas abaixo descreveremos nossas interpretações desse “encontro etnográfico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998), além de narrar alguns limites e possibilidades dos procedimentos técnicos utilizados em campo, como a captação de imagem, processos de escolha, seleção e edição de imagens.

Contatos com a ambiência do Odeon

Qualquer pesquisa etnográfica requer que o pesquisador comunique ao grupo investigado as suas intenções e conquiste destes a autorização necessária para o prosseguimento da investigação. No caso do bar Odeon, não foi difícil conseguir isso. Primeiro tivemos o cuidado de conversar diretamente com o dono do bar, explicando nosso propósito e pedindo a sua licença para “importunar” seus clientes. O dono gostou da idéia da produção de um registro visual sobre o bar. Isso é bem importante, e ajuda muito no caso de um bar pequeno do tipo do Odeon, onde boa parte dos freqüentadores conhece o dono.

A autorização, perante os demais clientes, funcionou como uma espécie de atestado de confiança. A maior parte dos freqüentadores também se mostrou simpática à idéia e

² Priscila Farfan é bolsista de iniciação científica junto ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais e desenvolve pesquisa etnográfica com vendedores ambulantes da Rua Voluntários da Pátria, no Centro de Porto Alegre. Neste caso, entre os procedimentos de pesquisa utilizados está a etnografia de rua, que se diferencia em diversas dimensões dos procedimentos desenvolvidos no interior de um estabelecimento, como é o caso da etnografia no Bar Odeon, mesmo que em ambos os casos os recursos audiovisuais estão presentes.

colaborou para que acontecesse. Alguns pediram para enviar as fotos para eles e outros tantos gostaram a idéia de uma possível exposição fotográfica no decorrer do trabalho, pois numa cultura que dá importância para mídia, compreende-se que “aparecer” também é uma forma de poder.

No entanto, isso nunca se coloca de forma óbvia, e é bom comentar com quem está presente na cena – a ser gravada, filmada ou fotografada – sobre a realização de uma pesquisa, e em seguida perguntar, delicadamente, se ela se importa de aparecer, dar um depoimento, o que for. Isso, além de ser muito mais simpático e educado, evita situações constrangedoras para ambos os lados (pesquisador/informante) – de, por exemplo, a pessoa começar a fazer sinal de ‘não’ para a câmera.

Depois desse passo começamos a observar o campo. Na Rua Andrade Neves, durante o dia, há um intenso movimento de transeuntes e automóveis, que circulam com certa dificuldade em meio ao agito comercial de bares, lojas femininas e camelôs. Ao cair da tarde, em dia próximo ao fim de semana, presenciamos a chegada de trabalhadores às mesas desses bares, que já adentram as calçadas, e assemelham-se por sua música – que vai do pagode ao funk – e por seu público, que em meio a risadas e goles de cerveja parece estar desfrutando do momento mais descontraído do seu dia.

Neste clima de descontração encontramos o Odeon, que já na fachada diferencia-se dos outros bares. A porta de madeira e vidro, e o letreiro luminoso nos convidam para uma viagem ao universo da boemia (OLIVEN, 1984) regada a chope gelado e jazz “de raiz”. A decoração do bar está em sintonia com as “atrações” que ele oferece, de maneira que vemos nas paredes propagandas antigas de cervejas e refrigerantes e um pôster emoldurado da consagrada cantora de jazz Ella Fitzgerald e James Dean. Além disso, o bar possui características bastante peculiares quanto ao tipo de freqüentadores – em geral um público um pouco mais velho – bem como quanto à proposta musical do espaço. O pequeno palco rebaixado, em que avistamos um piano sem calda e uma caixa amplificadora de som, é o lugar de músicos consagrados em Porto Alegre e nos arredores da cidade, como Jorginho do Trompete, flautista Plauto Cruz, os pianistas Mauro e Dionara, entre outros. Geralmente quem os reverenciam são outros músicos, adoradores de Jazz ou mesmo apreciadores do ambiente contemplativo que a música proporciona.

No auge da noite, quem chegou mais cedo fica sentado nas mesas encostadas dos dois lados da parede, e os outros freqüentadores permanecem de pé, circulando para lá e

para cá, conversando com amigos, indo ao banheiro, pedindo mais um chope no balcão. O Odeon está lotado. Essa disposição oferece algumas dificuldades em trabalhar com audiovisual nesse local, pois os aparelhos para captar imagens com vídeo e som não passam despercebidos por seu tamanho e acessórios. Isso quando o microfone não bate em alguém, ou a câmera é limitada em seu deslocamento “truncado” pelas pessoas que ocupam o local.

Celestino Santana, mais conhecido como Tino, é o dono do local, e configura-se enquanto a “cara” do bar. Tino possui um escritório de advocacia no centro da cidade, e à noite trabalha no Odeon. Ele e um amigo criaram o bar em 25 de outubro de 1985. Além de cuidar da iluminação, tirar chope atrás do balcão, preparar outras bebidas, se dedicar ao atendimento e atrações musicais, ele, às vezes, brilha no palco com sua voz ativa de cantor de bolero. Ao longo da pesquisa etnográfica vamos percebendo a intensidade da sua relação com o bar, realizada nas amizades tecidas com clientes e músicos. De acordo com o pianista César “[...] o Odeon é praticamente uma instituição, pois é o único bar de Porto Alegre a 22 anos na mão do mesmo dono onde podemos escutar música acústica de qualidade, música ‘de raiz’ [...]”.

Outra figura fundamental na composição deste ambiente intimista é Tom, o garçom. Ele, ao distribuir chopos e sorrisos, cativa todos com seu ar maroto. Tom é jovem, tem o cabelo cortado estilo moicano, é bem-humorado e nos contagia com sua alegria e disposição. Esse personagem foi de grande importância para o nosso trabalho para destacar uma das facetas sobrepostas aos acontecimentos no local.

Registrando em instantes a inserção em campo

A fotografia foi o suporte inicial utilizado pela equipe e a partir dela foram lançados os primeiros olhares etnográficos sobre o campo, já que começamos a fotografar logo no início da pesquisa. Está associado a este fato a facilidade de carregar uma máquina fotográfica e a mobilidade que ela permite. Sem fios, muitas vezes discreta antes de disparar o flash, com a possibilidade de rever as fotos na hora, no caso da câmera digital, e a vantagem de captar efeitos de realidade da cena vivida. Foram utilizadas duas máquinas digitais, uma Samsung Digimax 301 e outra Sony Cyber-shot, 4.1 mega pixels, e uma câmera fotográfica Zenit X12 pertencentes aos integrantes do grupo.

De acordo com o nosso recorte, *boemia e sociabilidade na noite do Bar Odeon*, focamos o olhar fotográfico no público frequentador do bar e no espaço em si que, construído a partir de alguns elementos – do próprio local - como a luz baixa, a decoração *retro* e as opções do cardápio, oferece esse clima de “noite” e descontração. Em relação às formas como os frequentadores ocupavam o bar e desenhavam o espaço enfocamos as “rodas” em volta de mesas, pessoas “apoiadas” no balcão, músicos conversando com colegas, casais de namorados, colegas bebendo chope, etc.

Cabe enfatizar que a cada saída de campo dois integrantes do grupo se preocupavam essencialmente em “tirar” fotografias como forma de captar material para pesquisa, o que permitiu o diálogo com diversos indivíduos sobre o bar. Um ia para um lado, o outro por outro, depois os presentes do grupo se reuniam em uma das mesas, em que já estavam mochilas e outros colegas dos integrantes, e trocavam informações sobre as fotos feitas, pessoas conhecidas e histórias contadas. De acordo com a personalidade do pesquisador (mais ou menos extrovertido) e com o empenho de capturar as imagens têm-se fotos mais naturais, descontraídas. Circulando cenas como: encontro de amigos, olhares para o palco, descontração dos frequentadores consumindo petiscos, aplausos ao fim das músicas, conversa de pessoas apoiadas no balcão, entre outras.

A partir da primeira rodada de fotos tiradas no bar, foi criada uma narrativa para ser apresentada em aula, e assim obter a orientação da professora e dos colegas. A sequência de quinze fotos contava com imagens da decoração do local, clientes à vontade, músicos e fotos panorâmicas, pois a intenção era de apresentar o local através da sua pluralidade de focos. A recomendação de Cornelia Eckert foi de que aproximássemos mais a câmera das pessoas, e que escolhêssemos um personagem para elucidar a noite no bar, além de delimitar melhor objeto de pesquisa para se aprofundar. Seguindo as observações, assumimos nosso papel de observadores participantes e passamos a nos aproximar mais das pessoas, o que gerava algumas conversas e brincadeiras sobre a pesquisa e, consequentemente, sobre o bar.

No princípio, por falta de experiência ou por uma questão puramente exploratória, optamos por tirar muitas fotos – na sua maioria, fotos digitais – de vários ângulos e de várias pessoas, sem nos preocuparmos muito com a seleção que seria feita *a posteriori*. Mas de acordo com nossas preocupações e orientações fomos direcionando os nossos olhares a partir do ganho de intimidade com o campo e da própria experiência etnográfica,

o que nos permitiu fotografar mais de perto essas pessoas e em ângulos e momentos que retratassem o recorte delimitado pelo grupo.

Ou seja, em certa altura do campo muitos clientes já sabiam o que estávamos fazendo ali, para os outros, nós nos apresentávamos e respondíamos as perguntas curiosas sobre as diversas gravações. Os melhores ângulos para re-apresentar o público boêmio do Odeon foram aqueles que apreendiam gestos associados aos motes do bar, como: os copos de chope, cigarros e cinzeiros, o bolinho de bacalhau, e mesmo o olhar atento dos clientes para os músicos, etc.

Para dedicar o olhar a um personagem - saber o que o este pensava (e vivia) sobre o bar, e não apenas o que nós víamos - o escolhido pela equipe foi Tom, o garçom, que acompanhava os deslocamentos dos estudantes pelo bar com conversas e simpatia. Foi no freqüentar o bar que percebemos a luz como um “constrangimento” técnico do campo para algumas imagens que gostaríamos de fazer de Tom, destacando mais os afazeres e seu corre-corre em meio ao bar lotado. Então uma das soluções foi utilizar a máquina analógica para tirar algumas fotos em preto e branco do ofício de garçom e compor uma estética de “artes de fazer” (DE CERTEAU, 1994) dessa profissão. Nesse contexto, Cauê ficou encarregado de acompanhar seus passos ao atender o bar, a fim de revelar, numa narrativa fotográfica, momentos de convivência do garçom dentro do bar.

Após uma prévia conversa sobre sua vida e o pedido, coincidente, para ser fotografado, Tom torna-se foco. Nos primeiros *clicks* ele pousou para o foto, até que seu intenso trabalho aliado à intimidade construída com os pesquisadores, permite que ele seja registrado livremente em seu ato de trabalhar. Atrás do balcão fazendo caipirinhas, anotando pedidos nas mesas, levando chopes aos freqüentadores e músicos, e sempre que possível abrindo seu sorriso característico. Não se trata apenas de um trabalho formal, mas também o seu contato com uma rede social (BOTT, 1976).

A experiência fotográfica foi fundamental no sentido de sensibilizar a equipe para o fazer antropológico visual-imagético, além de ter auxiliado consideravelmente na inserção no campo, pois logo nas nossas primeiras conversas com o Tino ele se mostrou empolgado com o trabalho que se realizaria a partir de suportes como a fotografia e o vídeo. Ele se interessou especialmente pelo vídeo etnográfico ao nos contar de “outras experiências desse tipo” ocorridas no bar. Tino relatou, aparentando certa decepção, que

“um pessoal do cinema” fez um curta-metragem no Bar Odeon sem falar sobre o Bar Odeon, na medida em que eles utilizaram apenas o espaço para contar uma estória que em nada se relacionava ao cotidiano ou a história do bar.

A equipe optou pela construção de duas narrativas fotográficas, uma de Tom e outra dos freqüentadores, o segundo caso foi escolhido pela aparente diversidade etária, gênero e classe daqueles que ali estavam, e seus diversos motivos para comparecer ao local. A etapa de seleção das fotos configurou-se como um momento crucial para o trabalho e para o grupo enquanto um todo coeso, na medida em que aqui surgiram muitas divergências – e algumas convergências – sobre o fazer antropológico visual-imagético – que envolve certa delimitação entre arte/antropologia, jornalismo/antropologia – e sobre os objetivos da pesquisa definidos no roteiro de fotografia.

O procedimento utilizado para escolher as fotos, que seriam reveladas para ser exposto no trabalho final, foi feito ao misturar todas as imagens tiradas até o momento numa pasta do computador, e separada conforme os temas: músicos, freqüentadores, garçom e ambiência (fotos panorâmicas). Depois desse passo, coube observar cada imagem para perceber se esta ou aquela teriam potencial narrativo em conjunto com as outras fotos para formar unidade. Ou seja, como seria proposto uma historieta a partir dos dados de campo, deveria haver algumas ligações entre as fotos a fim de contar, de outra maneira, mais sobre objeto de pesquisa.

A superação dessa etapa ajudou o grupo a se encontrar na pesquisa e avançar para o próximo suporte, o texto como produção imagética.

Escritas

Para dialogar com essas narrativas produzimos dois textos descritivos. A experiência de pensar texto como imagem foi bastante elucidativa, no sentido de gerar uma maior compreensão da Antropologia Visual, pois a partir dela podemos pensar o texto não apenas como instrumento de reflexão teórica, mas também como forma de expressão visual, comprometida, é claro, com a questão etnográfica, e intimamente relacionada com a estética e a arte. Inseridos, antes de cada narrativa fotográfica, na exposição-instalação que foi desenvolvida como trabalho final da disciplina, os textos não tem como função traduzir ou legendar as fotos, mas sim complementar as narrativas com palavras que remetam o leitor-expectador à visualização daquele universo de pesquisa.

Na narrativa sobre Tom temos uma espécie de apresentação sobre a sua personalidade, conduta com os clientes e sua relação com bares da cidade a partir de observações de Juliana e Cauê, além de uma frase citada pelo garçom em analogia ao Bar Odeon. Já no texto de apresentação da segunda narrativa, a opção foi de utilizar trechos de diários de campo de Cauê, Juliana e Laura, pois cada ponto de vista realça seu olhar sobre o bar e a relação com os clientes a partir das seguintes perspectivas: metáfora entre a música e o ambiente do bar, dinâmicas e gestos e perfil dos freqüentadores.

A escrita está presente em várias etapas do processo de pesquisa. Antes de introduzir as fotos ela também circunda os diários de campo. Cada um dos pesquisadores do grupo fez o seu, um apontou mais o contraste dos bares da Andrade Neves e o Bar Odeon, outro se concentrou numa descrição do bar.... No entanto, apesar da pertinência do diário de campo em todas as saídas, não houve rigor nesse passo, e depois das primeiras descrições esse processo ficou de lado. A displicência também pode ser entendida pelo fato do trabalho de campo realizado à noite, depois de um dia de estudo e labuta, e geralmente saímos de lá ou para continuar a noite em outro bar dançante, ou mesmo para trabalhar no dia seguinte. Ainda temos algumas anotações de bloco de notas feitas em campo, e fora dele, mas esta falta de material abundante tornou a escrita do artigo um tanto quanto dramática, pois dependíamos das imagens (fotos, som e vídeo) e da confiança em nossa memória para discorrer sobre a experiência etnográfica.

Outro dispositivo fundamental, que traz a escrita à tona, é o roteiro antes das captações de imagens. Depois de algumas saídas a campo, e de observar as possibilidades imagéticas que poderíamos registrar, preparou-se o roteiro com os seguintes campos:

- pesquisa exploratória: explicação do que consiste o tema do estudo
- sinopse: escolha do objeto e suas enquadres possíveis
- argumento: escolha do universo, contexto que diferencia esse dos outros
- roteiro: acontecimentos que possam ser registrados; se o plano será mais aberto ou fechado; elementos chaves para apreender na imagem
- organização da equipe: quem faz o quê (direção, fotos, montagem, edição)
- dispositivos técnicos: o que será levado a campo
- data: dia e hora do encontro

Esse material foi utilizado para captação de imagens em outros suportes (som e vídeo) também, não que esta seja a forma mais adequada para o desenvolvimento da

pesquisa, mas na falta de tempo para preparar as saídas recorriamos a este direcionamento. O apropriado, é de que conforme o processo de campo, mudanças de focos e negociações do vivido no bar, o roteiro fosse reformulado a fim de sistematizar as preocupações teóricas e etnográficas. Então ao fim do trabalho teríamos um registro de como “avançaram” os objetivos, os olhares e os fazeres em campo. Ou seja, lá estaria claro o que nos dedicamos para enquadrar o objeto, e o que deixamos de lado, ao fim seria possível pensar por que escolhemos um percurso e não outro, também como campo de problemas desta pesquisa. Mas não foi o caso, nenhum outro roteiro foi feito depois do deste.

Por isso foi possível perceber a diferença entre uma saída de campo sem roteiro e saídas orientadas por roteiro. É grande o risco de se perder tempo no primeiro caso. O material acaba sendo mais vago, mesmo que em grande quantidade – por exemplo, com as máquinas fotográficas digitais é possível fazer mais de cem fotos em uma só saída, mas de nada vão adiantar tantas fotos se elas não forem tiradas sob o olhar etnográfico necessário ao estudo.

É bem mais difícil fazer uma seleção a partir de um material coletado assim. Já com o roteiro, a qualidade do material, em termos antropológicos para a pesquisa, tende a ser bem maior, pois o pesquisador aponta o seu olhar e constrói uma fotografia ou som, conforme aquilo que pretende explorar e discutir no trabalho. Contudo torna-se pertinente salientar que o roteiro elaborado não deve limitar radicalmente os pesquisadores, pois a sensibilidade para mudar de foco ou retratar algo inesperado surgido no campo é também fundamental no fazer antropológico.

Outro passo conexo após o registro das imagens, é uma decupagem do material bruto, ou seja, a escrita num texto à parte do que foi coletado. Não só para descrever os instantes com maior minúcia, mas para interpretar acontecimentos, detalhar o que se passou naquele momento, explicitar a qualidade da técnica da captação para ser aproveitada na versão final, ter noção de que tipos de conceitos, cenas, elementos têm-se em imagens para que possa ser explorado no argumento da pesquisa etnográfica. O único suporte que teve essa preocupação objetivada foi o som.

Uma experiência com a etnografia sonora

Deste modo, é com o material sonoro captado em dois dias que a análise de escuta foi viabilizada. O conteúdo das fitas brutas foram decupados, ou seja, houve um processo de escuta e posteriormente a descrição do que se podia ouvir minuto a minuto. A

experiência foi especificar o que era do primeiro e do segundo plano, e completar as descrições dos sons com a contextualização do que se passava na cena vivida. Também foi importante destacar na minutagem o começo e fim da música tocada no Bar Odeon, por que na hora de editar se justarmos dois trechos sonoros, por causa do primeiro planos que constituem um sentido, as músicas dos dois momentos diferentes que estão no segundo planos, revelaria uma falta de continuidade auditiva e a edição fica grosseira.

Mesmo sem um roteiro feito especialmente para se trabalhar com esse suporte, a pesquisadora encarregada de se dedicar a este processo, Priscila, já articulava através da observação participante possíveis cenas que podiam ser exploradas por sua expressão sonora. No entanto, o roteiro de captação fotográfica e os diários de campo dos colegas também apontavam momentos importantes a serem registrados, cuja composição em narrativa sonora poderia apresentar interessantes resultados etnográficos.

Retratar sonoridades reluzentes no ambiente do Bar Odeon é mais uma forma de apreender como se dão as expressões sociais que só ocorrem naquele local, daquela maneira. Além das melodias ritmadas tocadas por músicos que por ali passam, soam conversas, burburinhos de casais de namorados, ruídos do arrastar das cadeiras, o brinde dos copos, a barulhenta máquina de chope, risos de amigos, palmas nos finais das canções, a tragada do cigarro, o caminhar de belos saltos, as batidas na mesa ao acompanhar a música, enfim, esta composição de sons remete, poeticamente, à gestos e *micro-eventos* (MOLES, RHOMER, 1983) possíveis nas noites Porto Alegrens.

Como uma das integrantes do grupo tem formação em iniciação científica no Banco de Imagens e Efeitos Visuais, onde se estudam possibilidades desse viés de pesquisa - ou seja, apreender o cotidiano através de suas expressões sonoras – foi usado o aporte teórico que justifica essa preocupação desenvolvida neste núcleo de pesquisa (ROCHA, VEDANA 2007).³ Junto ao processo de discussões em reuniões sobre etnografia sonora⁴ coube também trabalhar o campo do Bar Odeon como forma de aprendizagem de Priscila no lidar com esse suporte.

³ROCHA, A. L. C.; VEDANA, V. . A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora. In: VII Reunião de Antropologia Mercosul, 2007, Porto Alegre. VII RAM Desafios Antropológicos. Porto Alegre : UFRGS, 2007. Texto da ana e vivi. Vedana, Viviane. Sonoridades da Duração: práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul – Desafios Antropológicos, 2007, Porto Alegre

⁴ No contexto do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, têm-se reuniões semanais dedicadas a cada suporte: texto, som, vídeo e foto. Na referência feita trata-se da reunião sobre o som com a orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha e participação de Viviane Vedana e Priscila Farfan.

Ou seja, para tornar essa experiência um campo de problemas, a aprendiz trazia questões para Ana Luiza Carvalho da Rocha⁵ e Viviane Vedana⁶ sobre sua postura em campo em relação aos frequentadores do bar, em que medida poderia escapar de situações indesejáveis, por exemplo, quando o informante trata de assunto que não é foco de pesquisa, ou mesmo como impor através da performance o que desejaria captar. Nesta troca, a estudante ficaria incumbida de disponibilizar o material captado na pesquisa no Bar Odeon, no banco de dados do núcleo para que outros pesquisadores interessados tenham acesso. Isto também como forma de difundir esse saber, pois do que vale guardar um material de pesquisa se ele poderia ajudar, colaborar e compor o pensamento científico de outros colegas?

Além disso, cabe destacar o apoio do BIEV ao aceitar a solicitação dos materiais para a captação sonora, de outra maneira poderia ser utilizado um mp3 de um dos colegas do grupo, mas sem a mesma qualidade técnica do md acompanhado de outros aparelhos. Essa decisão também se subordina ao aporte conceitual do Biev, onde encontramos a preocupação com a qualidade técnica e etnográfica das imagens captadas em campo.

O material usado na captação sonora consiste em:

- um aparelho mini disc, que pode ser usado a pilha ou bateria;
- um fita para mini disc, que geralmente possibilita uns oitenta minutos de gravação;
- um fone de ouvido, para que a pessoa possa saber se está gravando e o que está gravando;
- um microfone multi direcional

⁵ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985) e doutorado em Antropologia - Université de Paris V (René Descartes) (1994). Atualmente é antropóloga da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora participante da Universidade Federal de Santa Catarina Tem experiência na área de Antropologia visual e sonora, com ênfase e na pesquisa com coleções etnográficas, estética urbana e memória coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: trajetórias sociais, narrativas biográficas, patrimônio etnológico, estética urbana, antropologia visual e sonora, formas de sociabilidade. Coordenadora de Pesquisa do Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Laboratório de Antropologia Social/PPGAS/UFRGS. Atua como pesquisadora do Geempa, Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação, na área da antropologia das aprendizagens e do Instituto Anthropos no âmbito dos estudos e pesquisa sobre memória ambiental, práticas cotidianas e sustentabilidade.

⁶ É doutorada em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui graduação em Ciências Sociais Bacharelado (2002) e mestrado em Antropologia Social (2004) pela mesma universidade. Atualmente é pesquisadora associado ao projeto de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana e Imagem, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia visual e sonora, formas de sociabilidade, antropologia urbana, práticas cotidianas, memória coletiva e consumo.

- fios que liguem o fone de ouvido e o microfone no mini disc.

O uso dos equipamentos de captação sonora e a imersão etnográfica

Para que o pesquisador não se embaralhe nos fios é aconselhável carregar tudo dentro de uma bolsa pendurada nos ombros, assim tem-se flexibilidade para movimentar o microfone. Como já citado anteriormente, em dias mais cheios, os acessórios da captação do som podem enroscar-se em algum indivíduo que caminha dentro do bar e até parar a gravação. Esse método da “bolsa” é utilizado no âmbito do Banco de Imagens e Efeitos Visuais a partir da própria experiência de outros pesquisadores, que passaram pelo núcleo de pesquisa, em campo⁷. Outro ponto que deve ser observado seria sobre a decisão do grupo de apenas uma pessoa se envolver com esse suporte, o que facilitaria algumas decisões ao longo do processo de pesquisa.

Embora a escolhida participasse da discussão teórica sobre antropologia sonora, nunca antes havia feito tal captação, por isso nesse excerto algumas aprendizagens serão compartilhadas. Mas antes mesmo de levar o material de gravação, sensibilizada com as expressões sonoras no interior do bar, observava as palmas e assobios no final do Jazz daqueles que sentavam mais próximos do palco, se encantava com o som de uma cadeira arrastada por um freqüentador oferecendo seu lugar a uma mulher, atentava os tintilhar dos copos no brinde, entre outros. Por isso esse deslocamento exploratório já indicava que cada parte do bar possuía sonoridades singulares, pois mais perto do banheiro o burburinho alto das conversas de destacava em relação a música.

No entanto, próximo a porta de entrada do bar, podia escutar com qualidade os sons dos instrumentos tocados, e acompanhamento de pé dos freqüentadores. Já com uso do equipamento de captação sonora, o deslocamento da pesquisadora se concentrou nesses pontos de diferenciação de sons: dentro do bar, próximo aos músicos, junto à mesa de clientes, acompanhando conversas e burburinhos.

A ritmicidade do fenômeno a ser etnografado e as escolhas em campo

A noite se aproxima e é dia de ir a campo captar os sons ecoados dentro do Bar Odeon. Temos aquele roteiro da fotografia que serve de guia, para não haver escolhas aleatórias e ressalta aspectos chaves estudados pelo grupo, como: boemia, sociabilidade,

⁷ Viviane Vedana, Luciana Mello, Fernanda Rechenberg

questão musical. Após separar o material e carregar as pilhas para o aparelho mini disc a pesquisadora segue em direção ao Bar. Como sugere Ana Luiza Carvalho da Rocha, toda a montagem do aparelho para a captação sonora, como ligar um fio no outro, colocar o fone de ouvido, posicionar o microfone, arrumar os fios, testar o material, enfim, “vestir-se” das ferramentas para tal objetivo são feitos na frente dos clientes e trabalhadores do bar, ou seja, a intenção é apresentar, mostrar, deixar claro para todos que o trabalho do antropólogo se dispõe a negociar através da interação com este suporte.

Infelizmente a primeira tentativa captação sonora foi frustrante, depois de “montar” os aparelhos constata-se que as pilhas não estavam bem carregadas e bateria não estava à disposição. Na semana seguinte o problema foi solucionado, além dos testes realizados antes da saída de campo, uma aprendizagem importante em termos do uso destes equipamentos e as preocupações que devemos ter antes de começar o campo. No bar... Tino e Tom já estão trabalhando, Juliana tira as fotos, fica combinado que cada uma se dedicará ao seu suporte. Mini disc ligado e inicia-se o passeio.

A gravação começa dentro do bar, ao lado de Tino, foi não só uma estratégia para demonstrar o apoio em relação à pesquisa, como também uma forma configurar o olhar de quem recebe os fregueses. Dali é possível ouvir conversas, saber dos pedidos de clientes, caminhar até a cozinha, observar a preparação do chope, contabilizar os ganhos, observar os shows, conversar e ter uma vista panorâmica do que acontece entre meandros da vida noturna dentro de Odeon.

O burburinho era captado quando dois senhores inferem a pesquisadora. Eles estão no balcão do bar e como vêem a menina conversar com Tino, chamam atenção dela para interagir. Numa postura mais jornalística, a pesquisadora pergunta para os mesmos sobre a relação deles com o bar, mas como um deles está com um livro sobre fotografias de Porto Alegre, folheiam e a ocasião é de reflexão sobre a antiga cidade. Retomam o assunto do bar, no entanto falam de outros bares, e de que a pesquisa deveria ser feita também com outros bares, ou quando falam do Odeon, dizem “Mas esse bar tem uma história!”

Podemos analisar que para este estudo pontual esses momentos eram desnecessários, ou seja, o que se propõe a analisar numa disciplina de quatro meses carece de que o aprendiz de antropólogo direcione o entrevistado objetivamente de maneira a circular o problema de pesquisa. Se captar além desse interesse, caberá considerar algumas

perdas, como: não utilização do material, gasto de tempo e fita do mini disc, descaso com o nativo, entre outros.

Entretanto o deslocamento continuou, Maurinho estava nos teclados, e a alternativa era gravar a melodia, misturada aos falatórios, as risadas, aos “Garçon!”, aos sons surpresas que na parte da frente do bar ecoavam. Próxima ao show, a postura da pesquisadora com seu equipamento era observada, o que aquela menina queria por ali? Um dos clientes, músicos também, entende que Priscila procurava pela música, e sugere que o microfone seja posto dentro da caixa do teclado. O som é estridente, as cordas batem, muito interessante, e não deixa espaço para se ouvir o burburinho, mais uma faceta do lugar.

Com o mesmo rapaz, surge uma conversa. Ele explica sobre as marcações básicas do jazz, e das possibilidades de criações dentro uma “regra”, ou seja, é relevante este dado pois compreende uma escuta mais fina por uns, e mais “descompromissadas” por outros. O que cada um ouve, entende, compreende a partir do mesmo som enunciado num bar? E ao responder esta pergunta, também permite saber um pouco sobre o público que ali frequenta. Há uma preocupação do dono em trazer bons músicos para o local, e muitas vezes são eles mesmos que fazem o convite para conhecer o Odeon quando se apresentam em rádios e em outros locais da cidade.

Sem saber muito como se posicionar, o microfone fica na altura do peito, algumas vezes o braço é esticado, deste modo a novidade estarrece e esquece de explorar elementos do bar. Depois de escutar algumas vezes o conteúdo do md que estava gravado numa única faixa de sessenta minutos, ficou evidente alguns reparos que poderiam ser feitos para a próxima gravação. Também houve dúvidas em como se portar com o microfone, a fim de deixar claro para as pessoas a intenção da aprendiz. Faltava performatizar melhor o interesse numa ambiência ao posicionar o microfone no alto, ou abaixo para captar passos, ou aproximar das conversas paralelas e captar tragadas de cigarro, brindes, risos, abrir e fechar da bolsa.

Conseqüentemente, na segunda saída de campo para captação sonora, quase no final no semestre, o resultado é diferente, foram vinte minutos com o microfone ligado e fica evidente o melhor aproveitamento do tempo. Jorginho do trompete tocava seu pandeiro quando um dos clientes, sentados na primeira mesa de frente para o palco, acompanha o ritmo da música ao bater suas mãos na mesa. A pesquisadora se aproxima

com o microfone e os colegas sentados na mesma mesa percebem do que se tratam, um deles bate com uma caneta no num copo, outro agita o paliteiro, esses sons combinados com a provocação de Jorginho estabelecem uma forma de comunicação entre eles, uma interação social.

Já mais perto do banheiro, Tom conversa rápido com a pesquisadora, ele corre pra lá e pra cá, distribuindo sorrisos, papos fugidios com os clientes, pedidos atônitos, “com licença”, e vai passando. Dentro do balcão, Tino tira alguns chopes, é hora de captar os “pequenos” sons ressoados ali: a máquina de chope, o líquido caindo no copo, o palito que retira o excesso de espuma, uma nova garrafa de whisky que é aberta, a conversa com Tom, “Mais um pedido!”, entre outros. Vale complementar que esse momento é acompanhado da narração do dono do bar sobre a “arte de tirar o chope”.

Baseada nos focos teóricos induzidos pelo grupo de pesquisa, foi possível pensar em criar uma narrativa sonora (editar o material bruto e enfatizar de acordo com os vieses) que apresentasse o local por seus burburinhos, músicas e acontecimentos, mas também favorecesse a escuta de pequenos eventos ocorridos nesses dias a de gravação. Após a decupagem, pode-se separar os trechos que junto com outros comporiam o olhar de quatro estudantes para configurar, através dos objetos, os acontecimentos vividos daquele período num arquivo de no máximo dez minutos.

Não havia pretensão de criar uma narrativa fictícia para o bar como desejariam alguns cineastas, nem tão pouco desdobrar os vinte e dois anos de história do bar. No âmbito da Antropologia Visual, a intenção era de criar uma narrativa sonora que permitisse a quem escutasse “estar lá” (GEERTZ, 2002) por alguns momentos, além de identificar os interesse de pesquisa. O software utilizado para cortar, editar e montar a narrativa sonora foi o Audacity. Apesar dos limites desse software como não silenciar um trecho totalmente, ter que preencher toda a faixa ao invés de deixar vazio para colocar o pedaço no local que se deseja, falta de precisão, com algum bocado de paciência e parcimônia o resultado foi atingido, negociando entre o proposto e os limites virtuais.

A estrutura pensada através do que foi coletado se dedicou a ambiência, e então o burburinho do bar, algumas falas para situar personagens na composição boêmia do lugar, e como característica principal, a música. Ou melhor, a interação dos frequentadores com música. Esses elementos também são destacados no vídeo, de maneira que além da sonoridades as imagens colam-se num efeito de realidade da experiência

Vídeo etnográfico

Já inseridos no campo, o que nos conferia certa segurança, foi o momento de se dedicar ao suporte mais complexo e elaborado: o vídeo. A realização de um vídeo etnográfico envolve uma série de etapas que vão desde a captação das imagens até a edição final, passando pelo processo de revisão de imagens até a seleção das mesmas na edição. Isso requer uma quantidade considerável de tempo. Além disso, nesse caso, alguma experiência com produções de vídeo anteriores acaba sendo importante. Provavelmente seja por essas duas razões que o nosso vídeo etnográfico tenha sido o produto que mais deixou a desejar. No entanto, a experiência de produzi-lo certamente fará toda a diferença em trabalhos futuros.

Este suporte evidencia um possível embate entre o documental e o ficcional numa produção visual-imagética, pois um vídeo que não seja concebido em plano-sequência⁸ será sempre ficcional, considerando que as imagens serão editadas e, assim, não corresponderão à experiência vivenciada num espaço e tempo “reais”. Todavia, a antropologia visual e da imagem tem um caráter etnográfico e sendo assim faz uso da edição no sentido de tornar a produção o mais próxima possível de uma narrativa documental.

A captação das imagens foi realizada em dois dias, e Juliana e Laura se dedicaram a esse suporte. No primeiro dia de gravação utilizamos uma câmera analógica 8mm. Por volta das vinte duas horas, em uma quinta feira inicia-se a gravação. Era um dia bastante movimentado, mas como já havíamos prevenido as pessoas do bar de que realizaríamos uma captação de imagens, não houve muitos problemas quanto a isso – apenas uma ou outra pessoa se esquivando da câmera. Gravamos por aproximadamente meia hora, de forma mais ou menos contínua, o movimento do bar, desde o palco com os músicos, às mesas, os freqüentadores, passando pelo atendimento no balcão. Por a máquina ser analógica, de certa forma acabou captando imagens na mesma linha retrô do bar. Dos problemas que tivemos durante essa gravação, um deles foi o de ter a movimentação da câmera restringida: como a câmera estava com um problema na bateria, que não carregava o suficiente, tivemos que filmar com ela ligada a uma extensão, o que acabou atrapalhando um bocado. No entanto, a superação de dificuldades como esta ao longo do trabalho de

⁸ Estilo ou estratégia de filmagem sem cortes – normalmente realizado com câmera na mão –, ou seja, um vídeo filmado em um único plano com imagens seqüenciais, uma seguindo a outra sem interrupções.

campo nos proporcionou aprendizagens importantes a respeito do uso destes suportes imagéticos, principalmente o lugar privilegiado da boa interação com informantes e a preocupação etnográfica de captação de imagens para que o registro audiovisual tenha sucesso.

Não havia como sair muito do lugar e, além disso, o caminho era atravancado a quem queria passar, com o fio. No segundo dia, utilizamos uma câmera digital Samsung. Era aniversário do bar, e se criou em torno dos estudantes – *os pesquisadores fotógrafos* – uma grande expectativa, como se tivéssemos ficado responsáveis pelo registro da festa. Para a nossa decepção, e a dos que lá estavam, não conseguimos registrar com nitidez os momentos importantes da festa, como a hora do parabéns e das homenagens. Isso porque apagaram praticamente todas as luzes do bar para que brilhassem as velinhas do bolo. Como não possuíamos uma luz de apoio para a câmera, a imagem ficou muito escura. Além disso, tivemos problemas técnicos com a bateria outra vez, que não havia ficado suficientemente carregada. Gravamos durante uns vinte minutos. Certamente, se o prazo de apresentação do nosso trabalho não estivesse chegando ao fim, teríamos voltado lá para refazer as imagens.

Depois veio o processo de edição do vídeo. Nesse momento a ajuda de outras pessoas foi fundamental, já que nenhum dos membros do grupo possuía conhecimento de como passar as imagens para o computador e como trabalhar com programas de edição. No âmbito da disciplina de Antropologia Visual estava prevista uma oficina, com um dos pesquisadores associados ao Biev, para orientação deste processo. Passadas as imagens para dentro do computador, utilizamos o programa de edição Vegas, versão 7.1, da marca Sony.

A edição toda se deu em três encontros de longas horas de duração. O primeiro foi o encontro do desespero. Pode parecer exagerado falando assim, mas foi a sensação que sentimos ao descobrir que nenhum de nós conseguia executar sequer um comando do programa de edição. Tentamos durante horas, até que já quase cogitávamos desistir do vídeo. Foi aí que conseguimos entrar em contato com o sujeito que tinha nos passado o programa – que era namorado de uma das gurias do grupo – e ele se comprometeu em nos ajudar no dia seguinte. Foi a salvação. No dia seguinte, finalmente, iniciamos a edição do trabalho. Assistimos ao material recolhido e passamos a discutir como se daria a montagem.

Nessa hora ficou clara uma falha na estrutura do vídeo: não havíamos elaborado previamente um roteiro montagem. Acabamos gravando com base nas idéias concebidas para o roteiro de fotografia, enquanto deveríamos ter desenvolvido essas idéias pensando especificamente no vídeo. Essa falta acabou deixando as imagens que recolhemos um tanto vagas, acarretando aquela dificuldade que mencionamos anteriormente como exemplo, de ter de construir algo com um material recolhido desavisadamente. Não é nosso objetivo desqualificar totalmente a captação de imagem que fizemos, mas sim enfatizar que se ela tivesse sido feita de forma mais refletida, o seu resultado teria sido bem melhor. Apesar disso, optamos por tentar fazer algo com o que tínhamos – e aqui caberia bem a expressão “tirar leite de pedra”. Encontramos na edição a chance de dar jeito no nosso vídeo, através da escolha da seqüência de imagens que apareceriam, da sobreposição de som à estas, tudo feito através de muito *recorta, arrasta, cola, assiste, critica, sugere, recorta-outra-vez, discute, desanima, tenta-de-outro-jeito, junta, vê-como-ficou, comemora*, etc. Depois de muita discussão e dois longos encontros terminamos o vídeo.

O seu resultado final ficou razoável, dado a nossa inexperiência e o pouco tempo que utilizamos para produzi-lo. Com esse relato pretendemos auxiliar e prevenir quanto à futuros percalços para aqueles que pretendem utilizar esse tipo de mídia em sua pesquisa. O produção de um vídeo etnográfico é certamente uma forma muito rica de se pesquisar, seja pelas possibilidades de reflexão e articulação de idéias que ela dispõe, seja pelas possibilidades de aproximação e troca com o grupo pesquisado. A gravação, depois que acontece, acaba propiciando maior proximidade com o grupo, pois etnografar visualmente permite a criação de um laço entre pesquisador e pesquisado que pode se estender quando o primeiro revê as imagens feitas pelo segundo: as pessoas comentam, dão sua opinião, contextualização.

Apresentando

De acordo com a proposta da disciplina, cada grupo deveria apresentar para os colegas, numa espécie de avaliação última, as versões finais da pesquisa, ou seja, através dos suportes vistos em aula (vídeo, foto e som) o estudo do tema de pesquisa. O nosso grupo desenvolveu uma instalação com alguns elementos referentes ao bar, apesar das limitações de uma sala de aula. Ao entrar no espaço foi possível ver as duas narrativas fotográficas, sendo que entre elas um abajur proferia a meia luz do local e um papel pardo

nas janelas deixava o ambiente mais aconchegante, tão bem pensado por Tino e “recriado” por nós. Depois de ver as imagens, os comentários dos colegas uns com os outros formava aquele burburinho típico do bar. O último passo era sentar nas cadeiras colocadas lado a lado num canto da sala para ouvir a narrativa sonora e ver o vídeo.

É importante salientar que, embora esses recursos possam ser tratados de forma separada, como trabalho de pesquisa eles formam uma unidade, abordando de diferentes maneiras os conceitos investigados. Enquanto recursos em termos de linguagem, esses instrumentos podem ser de grande utilidade em uma pesquisa etnográfica. Eles constituem linguagens específicas, com alto poder de síntese, sendo possível através desses meios apresentar certas situações, sentimentos, relações, que de outro jeito, ou seja, em palavras, seriam bem mais difíceis de se apresentar. Claro que não fazem essa apreensão por si só e o sucesso do material recolhido depende de quem recolhe. Daí a importância dos roteiros de investigação, que orientam o pesquisador na hora de bater uma foto ou fazer alguma gravação – é necessário que ele saiba com certa precisão o que está procurando.

Outra apresentação, até o momento, foi no próprio bar. A vantagem desse contato com o público é de que muitos se reconhecem, comentam, ou mesmo criticam o material apresentado. As fotos foram colocadas numa única parede e as visualizações das imagens começavam próximas a porta e iam até o fundo do local, por isso esse material ficou alocado mais de um mês ali. O vídeo foi apresentado em um lap top, pois não encontramos os fios compatíveis para conectar o DVD na televisão que transmitiria. Quanto à audição da narrativa sonora, ela foi escutada por poucas das pessoas justamente por que muitas das que estavam ali queriam beber seu chope e conversar e não silenciar-se como era a proposta. Enfim, passamos por esta experiência como aprendizagem, pois tudo indica que funcionou melhor na sala de aula do que no Odeon, e uma das hipóteses é a de que cada local favorece aquilo que oferece, a academia como forma de “se” silenciar para aprender, e o bar como forma de descontração.

Ou seja, na primeira apresentação os alunos foram sensibilizados a compreender as produções imagéticas como possibilidade de pesquisa, por isso estavam ali predispostos a escutar, entender e opinar a partir daquele ponto de vista. Enquanto no bar contraria esta troca hierárquica e lá todos conversam “em pé de igualdade”, opinando de acordo com suas trajetórias sociais. Parece que a imagem visual das fotos apresentadas atrai mais que o

som executado, talvez pelo fato de vivermos num mundo altamente – ou exageradamente – visual, onde a imagem tem um grande valor.

Conclusão

Escrever um texto sobre a experiência de fotografar no bar Odeon exige uma série de reflexões que vão desde as mais técnicas (como equipamentos, luz, filme utilizado, ângulos) até reflexões sobre o poder narrativo da fotografia e a sempre necessária atenção ao que se constrói na relação intersubjetiva sujeito-pesquisador/sujeito-pesquisado (ECKERT, ROCHA, 2005). Além disso, descrever o processo de etnografar no referido bar exige discutir a própria condição de estar no bar, da boemia, do tempo ali vivido, que é o pertencente à noite, a uma narrativa da vida em estado de lazer para uns, mas também de trabalho para outros. É preciso ressaltar que a experiência de trabalhar em grupo propõe novas dimensões ao que diz respeito à autoria.

Mais do que isso, a experiência de trabalhar com foto, vídeo e som, permite uma escrita mais densa, pois as imagens permeantes dos suportes ficam latentes quando se deseja explicar através das palavras gestos, práticas, formas.

Os maiores desafios que a equipe enfrentou na realização do vídeo “Odeon – etnografia de um bar” foram no nível técnico, envolvendo captação de som, iluminação e experiência na operação do equipamento áudio-visual e dos programas de edição de vídeo. Mas de uma maneira geral ficamos bastante satisfeitos com o resultado final, principalmente porque conseguimos articular as narrativas em todos os suportes sem fugir do nosso recorte, que foi “boemia e sociabilidade na noite do bar Odeon”.

Referências

- BOTT, E. Família e Rede Social; tradução de Mário Guerreiro, revisão técnica Alba Zaluar Guimarães, prefácio Max Gluckman. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. . O Trabalho do Antropólogo. 01. ed. Brasília, DF: Paralelo 15 (Brasília) e Editora da UNESP (São Paulo), 1998. v. 01. 220 p.
- DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano:1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994
- ECKERT, C; ROCHA, A L. C. *A interioridade da experiência temporal como condição da produção etnográfica.*O Tempo e a Cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005
- GEERTZ, Clifford. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002
- MOLES, A; ROHMER, E.: Teoría estructural de la Comunicación y Sociedad. México, Trillas, 1983.

OLIVEN, R. G. A Malandragem na Música Popular Brasileira. *Latin American Music Review*, Austin, v. 5, p. 66-96, 1984.